

A CASA DA RODA DO PORTO E O SEU FUNCIONAMENTO (1710-1780)

Por Isabel dos Guimarães e Sá

Tem o presente trabalho como objectivo delinear o quadro do funcionamento interno da Roda do Porto ao longo de um período que abarca grande parte do século XVIII, compreendido entre 1700 e 1780. Trata-se de um estudo que visa conhecer as estruturas de acolhimento às crianças expostas, e em especial o quotidiano nas instalações da Roda. Interessou-nos sobretudo saber de que modo foi administrada a instituição e quais os objectivos pretendidos pelos homens que a dirigiram.

Embora a criação dos expostos fosse inteiramente financiada pela câmara da cidade, era à Misericórdia do Porto que cabia a sua administração, conforme o estipulado em contrato². Os irmãos que faziam parte da Mesa da Santa Casa da Misericórdia elegiam anualmente um provedor que governaria a casa da Roda, coadjuvado por um tesoureiro e por um escrivão². Com o tempo e sobretudo com o aumento de crianças expostas que se fez sentir ao longo do século o número de homens ao serviço das crianças abandonadas aumentou³. Em 1796,

¹ Efectuado em Outubro de 1655 entre a Câmara do Porto e a Santa Casa da Misericórdia da mesma cidade. Existe um traslado do contrato no Arquivo da Assembleia Distrital do Porto (A.A. D.P.), Livro 1.º do Registo, fl. 2.

² A.A.D.P., Livro 1 do Registo, Relação da Real Gaza da Roda da Cidade do Porto que igualmente compreende o método com que sempre se costumou tratar as crianças expostas na dita Administração pedida pelos Provedores das comarcas circunvizinhas para por ela poderem dar melhor cumprimento a hua nova ordem da Rainha nossa Senhora em que lha mandou estabelecer Casas de Roda em todas as villas e cabeças de concelho, cujo extracto foi dado em 30 de Maio de 1783, fl.. 139 (ver anexo).

³ Sobre o número de crianças expostas na Roda do Porto entre 1690e 1820 ver Cândido dos Santos, «A população do Porto de 1700 a 1820. Contribuição para o estudo da Demografia urbana.» *Revista de História*, I.N.I.C. Centro de História da Universidade do Porto. Porto, vol. 1, 1978, p. 313.

para além dos funcionários referidos, existiam ainda dois cursores ou caminheiros, encarregados de contactar com amas vivendo fora da cidade, e ainda um ajudante de secretaria⁴. No entanto, a alimentação das crianças, na sua maior parte recém nascidas, exigia a permanência de amas de leite na casa da Roda. Eram estas que aí habitavam, porque os funcionários apenas se limitavam a exercer controle do exterior, vigiando o funcionamento da casa, contratando o pessoal e tratando dos registos de entradas e saídas de expostos em livros próprios para o efeito. Estes homens anotavam ainda as despesas quotidianas em livros de contas, as contratações das referidas amas internas⁵, bem como guardavam em arquivo os documentos normativos da instituição. São estas as fontes em que nos basearemos e cujas condições de produção passaremos a analisar.

Utilizámos dois livros de «Entrada e Termos das Amas» que incluem registos de contratação de amas internas desde 1710 até 1798, fornecendo-nos uma série contínua e relativamente homogénea. No registo de cada ama menciona-se os nomes destas, estado civil, nome e ocupação do cônjuge, filiação (apenas referida no caso das amas solteiras), naturalidade, morada, as datas de entrada e saída da Roda, bem como os motivos que a levaram a abandonar o serviço. No entanto, ao longo destas nove décadas encontramos uma densidade variável de informação. Até à década de vinte encontramos poucos dados sobre estado civil e despedimentos; nos cinquenta anos seguintes temos um aumento progressivo da qualidade e quantidade das informações, com um clímax verificado nos anos setenta. Essa abundância contrasta com a escassa dos dados de que dispomos a partir da década de oitenta, em que se torna difícil acreditar que se fizeram registos de todas as contratações, visto que o número de amas é muito menor. Utilizámos estes dados com as reservas que nos merecem os subregistos.

⁴ A.A.D.P., Livro 2.º dos Assentos das Amas e das Lactações 1781-1800, fl. 80.

⁵ Existiam vários tipos de amas, conforme a modalidade em que tinham as crianças a seu cargo: amas *internas ou de dentro*, limitavam-se a cuidar das crianças enquanto estas estavam na Casa da Roda. Em seguida, os meninos eram entregues a outras mulheres, geralmente de fora da cidade, que se ocupariam deles até aos sete anos: eram as amas *de fora ou criadeiras*. No caso de estas não serem em número suficiente para garantirem um rápido escoamento das crianças que estavam na Roda, entregavam-se os expostos a amas *de empréstimo*, mulheres residentes na cidade, pagas aos dias, até surgirem amas de fora. A partir de 1768, turnos também as *amas-secas ou directoras*, estas encarregadas de dirigir o serviço da Roda. Serão o primeiro e quarto tipo de amas que nos merecerão a atenção, porquanto o nosso trabalho não pretende franquear as portas que separam a Roda do exterior.

Embora os livros referidos nos permitissem saber quem eram as habitantes permanentes da casa, era necessário procurar conhecer a vida de todos os dias. Para isso baseamo-nos nos livros de «Despesa Miúda»⁶, que registavam todos os pagamentos, excepto aqueles que eram feitos a amas de fora, a partir dos quais pudemos fazer uma ideia da vida material e dos ritmos anuais da casa. Mas ainda se tornava necessário saber como se processava o acolhimento às crianças e conhecer o dia a dia da instituição. Esses dados ser-nos-iam fornecidos pelo «Livro 1.º do Registo», onde se copiavam documentos emitidos pelo poder central, assim como medidas internas, destinadas a esclarecer os administradores sobre aspectos funcionais. De facto, encontramos uma cópia duma circular enviada às comarcas circunvizinhas do Porto na sequência da lei de Pina Manique⁷. Esse documento contém instruções sobre as rodas a criar e destinava-se a servir-lhes de modelo. Pelo pormenor com que são referidos os mais variados aspectos do funcionamento da casa, este documento constitui uma preciosa radiografia do quotidiano da instituição⁸. Ainda a referir um documento que especifica os deveres e compromissos assumidos pelo pessoal interno, que nos esclareceu alguns aspectos sobre este assunto⁹.

Todas estas fontes em que nos baseámos possuem limitações inerentes ao facto de reflectirem apenas as preocupações da administração da Roda dos Expostos. Tratado-se o atendimento das crianças de uma actividade especificamente feminina, dever-se-á atentar no facto de que nos documentos se exprime unicamente a perspectiva dos homens que detêm o poder na administração. Aquilo que sabemos acerca das amas é filtrado pelos seu juízos e reflecte as suas intenções, havendo um desnível de preocupações, e, sobretudo, de cultura entre uns e outros. A um grupo de homens instruídos contrapõem-se mulheres iletradas, nem sempre aptas a compreender e cumprir as directrizes dos administradores.

⁶ Analisámos quatro triénios (1699-1701, 1724-1726, 1749-1751 e 1774-1776). A.A.D.P., Livros 1 a 5 da Despesa Miúda.

⁷ A lei, datada de 30 de Maio de 1783, obrigava à criação de casas da Roda em todas as vilas e cabeças de concelho.

⁸ A.A.D.P., *Relação da Real Casa da Roda...*, cit. V. *apêndice documental*.

⁹ A.A.D.P., Livro I.º do Registo, *Registo de huma resolução que tomou o M. Reverendo Sr. Doutor Provedor actual sobre o que hão-de observar as amas no tempo do seu governo*, fis. 81 a 85 v.

Instalações e vida material

A Casa da Roda do Porto situou-se, durante a maior parte do século XVIII, na Rua dos Caldeireiros, acima do Hospital de D. Lopo, este pertencente à Misericórdia da cidade¹⁰.

O edifício deve ter sido de sobrado, uma vez que a documentação se lhe refere como tendo uma divisão na parte inferior e outra na parte superior. A primeira seria destinada às amas, devendo ter cerca de seis camas. Numa das paredes situar-se-ia o tambor giratório em que as crianças seriam deixadas, existindo uma campainha pregada pela parte interior, destinada a assinalar a entrada dos expostos. Em cima ficariam os berços dos meninos, em número de oito, podendo ser embalados simultaneamente. Quando as crianças excediam este número, existiam canastras revestidas de palha prontas a serem utilizadas. Havia ainda uma cozinha, uma loja para guardar lenha, um tanque com água corrente e uma varanda onde se secavam as roupas das crianças. Entre o mobiliário, sabemos da existência de um altar com uma urna onde eram depositados os expostos que morriam. O edifício possuía duas portas, uma principal e outra dando acesso às divisões das amas e dos berços¹¹.

No que toca à vida material baseamo-nos essencialmente nos já referidos livros de «Despesa Miúda», que nos fornecem uma imagem bastante nítida dos gastos da instituição a nível interno. Eram três os grupos que habitavam a casa: as amas, as crianças de leite e os expostos mais velhos¹². As despesas internas são em grande parte derivadas das necessidades destes grupos. Quanto aos expostos, era necessário vesti-los a todos, dar-lhes de comer (o leite das amas não era suficiente, uma vez que havia crianças desmamadas), tratá-los nas doenças e enterrar os que morriam. No que toca às amas, havia que lhes pagar seus salários e financiar «curas» de certas doenças que a administração entendia terem sido contraídas através do aleitamento de expostos. Havia também as despesas domésticas propriamente ditas, como a compra de combus-

¹⁰ Sobre a aquisição de casas em 1688 para as instalações da Roda, veja-se o Livro 1.º do Registo, fls. 7-14 verso (A.A.D.P.I. No que respeita à localização da mesma, ver também Luís de Pina, *Da Roda tios Exposto.-: à Carta dos Direitos da Criança*. Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, Porto, vol. XXVII, fases. 3-4, 19654.

¹¹ A.A.D.P., *Relação da Real Casa da Roda...* V. apêndice.

¹² Estes últimos podiam ter menos de sete anos encontrando-se a espera de amas de fora, ou serem mais velhos, tendo terminado a sua criação e aguardando quem os quizesse em suas casas, geralmente para fins laborais.

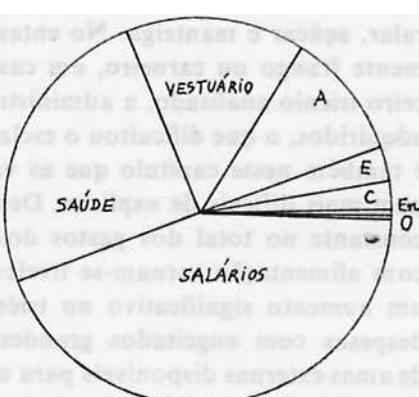
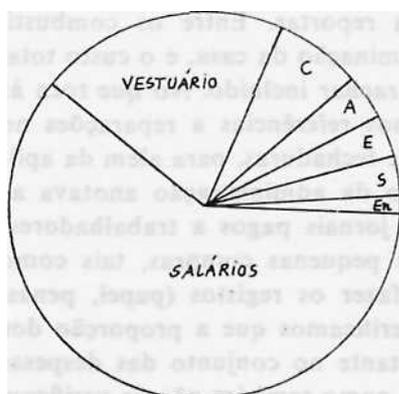
tíveis para iluminação e aquecimento, as obras de manutenção da casa e a compra de equipamento.

A evolução destas despesas encontra-se representada nos gráficos do anexo I, aos quais nos passamos a reportar. Entre os combustíveis, incluímos o azeite, necessário à iluminação da casa, e o custo total da lenha, com transporte e trabalho de rachar incluído. No que toca às obras, em todos os triénios encontramos referências a reparações no telhado, nos canos da fonte, nas portas e fechaduras, para além da aplicação de cal nas paredes. O tesoureiro da administração anotava as despesas com materiais, bem como os jornais pagos a trabalhadores. Quanto ao equipamento, registavam-se pequenas compras, tais como objectos de cozinha e materiais para fazer os registos (papel, penas, tinta, livros ou encadernações, etc). Verificamos que a proporção dos gastos de manutenção permanece constante no conjunto das despesas ao longo dos triénios analisados, assim como também não se verificam grandes variações no que respeita aos combustíveis.

A alimentação inclui apenas a dos expostos mais velhos, já que a das amas deveria correr a suas expensas, uma vez que apenas são registadas compra de ingredientes para a «papa dos meninos»: pão para ralar, açúcar e manteiga. No entanto aparecem dietas para amas, geralmente frango ou carneiro, em caso de doença destas. A partir do terceiro triénio analisado, a administração deixa de especificar os alimentos adquiridos, o que dificultou o esclarecimento deste ponto. Curiosamente, é também neste capítulo que as variações acusadas nos gráficos se tornam mais difíceis de explicar. Depois de representarem uma proporção constante no total dos gastos dos dois primeiros triénios, as despesas com alimentação tornam-se irrelevantes entre 1749-51, para registarem um aumento significativo no triénio 1774-76. Sabemos apenas que as despesas com enjeitados grandes estava relacionada com o número de a mas externas disponíveis para os irem buscar à Roda: quantas menos houvesse, mais tempo esperavam as crianças na casa e mais despesa davam à administração. O mesmo se passava com os expostos com mais de sete anos que aguardavam alguém que solicitasse a sua companhia, e, principalmente o seu trabalho.

No respeitante às despesas com vestuário, a administração comprava panos para a confecção de camisas e cueiros, bem como adquiria linho e estopa para roupa de cama. Mesmo as crianças que morriam obrigavam à compra de saias, gibões e mantos usados para fazer mortalhas. Com um número crescente de expostos ao longo do século, seria lógico que as despesas aumentassem proporcionalmente. Tal não se verificou:

ANEXO I — Gráficos da evolução das despesas



- S Saúde
- C Combustíveis
- A Alimentação
- E Equipamento
- En Enterros
- O Outras Despesas

FONTE: Livros I a 5 da despesa miúda (A. A. D. P.)

se os gastos com vestuário aumentam significativamente comparando os dois primeiros triénios, o mesmo não acontece com os dois últimos, em que registam uma considerável diminuição. Não podemos dar uma explicação cabal para este facto, mas adiantamos a hipótese de uma possível diminuição dos custos dos têxteis.

Quanto aos salários, mantêm-se no topo das despesas, excepto entre 1749-51. De referir que, para além dos pagamentos às amas, tanto internas como de empréstimo, se encontram incluídos outros serviços, como por exemplo pagamentos a «caminheiros» ou «cursos», homens que percorriam grandes distâncias para efectuar diligências para a administração¹³.

É no entanto nas despesas relacionadas com a saúde que se verifica uma evolução mais espectacular. Se na primeira metade do século os gastos eram irrelevantes, como explicar que entre 1749-51 ultrapassassem os dos salários e entre 1775-76 sejam o segundo maior encargo da instituição?¹⁴. Embora fosse despendido dinheiro com doenças como a sarna — ao que parece um mal muito comum entre as crianças — o avolumar das despesas com a saúde parece estar indubitavelmente relacionado com a difusão da sífilis. A partir de meados do século, todos os meses se registam gastos relacionados com esta doença. As crianças atingidas pelo «mal gálico» não eram amamentadas; comprava-se-lhes leite de burra ou cabra. Curiosamente, em Julho de 1749 pagou-se a soma de duzentos e oitenta reis pelo «aluguer» de uma cabra que permaneceu na Roda a dar leite durante seis dias¹⁵! Mas se se trata aqui de uma despesa comportável, o mesmo se não pode dizer das «curas» de gálico no hospital da Santa Casa, que a administração custeava a crianças, amas (mesmo as de fora) e até aos maridos destas. A instituição entendia ter responsabilidade na aquisição da doença, partindo do princípio que o mal se teria propagado através da amamentação de crianças contaminadas. De referir que o custo desses tratamentos podia elevar-se a mais de quinze mil reis por pessoa¹⁶!

¹³ Como tivemos ocasião de referir na introdução, encontram-se excluídos destes cálculos os pagamentos de amas de fora.

Sempre que uma ama de fora não vinha receber o seu dinheiro nem mostrar o exposto que tinha a cargo, a administração mandava averiguar o que se passava. Na maior parte das vezes o exposto tinha morrido, sem que a ama tivesse participado o seu falecimento.

¹⁴ De notar mais uma vez que os pagamentos a amas de fora se encontram excluídos destes cálculos, por se encontrarem registados nos livros de saídas.

¹⁵ A.A.D.P., Livro 2.º da Despesa Miúda, fls. 71-71 v.

¹⁶ A.A.D.P., Livro 5.º da Despesa Miúda, fls. 73 a 104 v.

Também na segunda metade do século se mencionam amas e crianças que se deslocam às Caldas do Gerês ou de Canavezes, embora não possamos especificar a doença de que sofriam, porquanto não nos foi possível relacionar essas curas termais com a sífilis. Quanto aos medicamentos necessários à Casa da Roda, estes eram fornecidos com a farmácia do já citado hospital, posteriormente reembolsada do seu valor pelo tesoureiro da Roda¹⁷.

A vida quotidiana

A vida na instituição começava cedo: seis da manhã no Inverno e cinco no Verão. Mas mesmo durante a noite, em que maior número de crianças era depositado na roda, uma ama ficava de serviço para prestar os cuidados necessários aos recém-chegados. A partir de 1768, quando se criou o lugar de «directora» ou «ama-sêca», esta passou a coordenar a acção das outras mulheres¹⁸. As crianças eram trazidas à sua presença, para que delas fizesse o pré-registo, conferindo a cada criança um número de entrada, consoante a ordem por que tinham chegado. A eficácia das notas da ama-seca era decisiva para a identificação posterior da criança. Se os objectos que os meninos traziam se perdessem ou trocassem, estava comprometida uma reclamação destes por parte da família. De resto a administração estava consciente... do pouco ou nenhum zelo das amas em ponto tão importante; porque muitas e muitas vezes, vindo a casa do Provedor para os mandar baptizar, nem sabem qual foi o primeiro, ou segundo que entrou, nem os nomes que frequentemente lhe(s) dizem boçalmente de fora, quem os expõem, nem a qual pertence este e aquele enxoval, este e aquele escrito, que de ordinário trazem, e isto quando se não ajuntam todas, e ocultam as suas inadvertências e erros por fugirem às repreensões do mesmo Provedor; bem entendido (...) *se não podia esperar outra exaço de umas mulheres novas, ignorantes de ler e escrever, e com pouca madureza para pezarem as horríveis consequências que resultam de semelhantes descuidos, qual a de ir herdar uma herança de outro assim trocado...*»¹⁹. Eram estas as preocupações dos administradores no tocante ao funcionamento da casa: daí a criação do lugar de ama-sêca. Esta, depois de velar pela preservação dos sinais identificadores das crianças, distri-

¹⁷ Idem.

¹⁸ A.A.D.P., Livro 1.º do Registo, *Registo cie uma resolução...*, cit., fl. 81.

¹⁹ Idem. fl. 81.

buí-as em seguida pelas amas. No caso de haver mais de dois meninos para cada uma, podia chamar a colaboração temporária de outras mulheres, ou enviá-las para as já referidas amas de empréstimo. Havia também que baptizar de urgência (exemplar) as crianças que chegavam moribundas ou atar melhor os cordões umbilicais de outras: eram estas tarefas igualmente específicas da «directora». Depois de prestados os primeiros cuidadosas crianças, estas eram levadas à presença do Provedor, que as registava definitivamente nos livros de Entrada e as mandava a baptizar à Sé. Todas as crianças, mesmo aquelas cujos bilhetes afirmavam terem sido baptizadas, recebiam esse sacramento «sub conditione». Seguidamente os meninos voltavam para a Casa da Roda, onde ficariam até serem dados a criar a amas de fora, que os levavam para suas casas. No momento das suas saídas a administração fazia novo registo, desta vez no livro das «Saídas», em que seriam anotadas as amas que os levavam e seus pagamentos até ao fim da criação, ou até à morte dos expostos.

Não podemos esquecer os meninos com mais de sete anos, que as amas deviam levar à missa todos os domingos e dias santos «tendo cuidado em que vão lavados, limpos e suficientemente vestidos...»²⁰. Eram estas as únicas ocasiões em que as crianças podiam sair da Roda, regra geral fechada, segundo as normas da casa. A sua alimentação estava também a cargo das amas, numa forma rotativa: no seu turno, cada ama, incluindo a «directora», devia cozinhar para todos os habitantes da Roda, pentear e tratar as crianças no que fosse preciso e varrer o chão...» para que se não ocupem todas no serviço que pode fazer uma...²¹.

Todas estas mulheres saíam muito poucas vezes de casa. Era-lhes imposto um registo de permanência quase absoluto, indo apenas por ordem da «directora» executar funções específicas, como levar as crianças a baptizar à Sc. Podemos talvez falar de um regime de semi-clausura, na medida em que havia um funcionário encarregado de fechar as portas pelo lado de fora ao anoitecer, deixando-as cerradas até de manhã²². As amas não deviam falar com ninguém a não ser com as pessoas necessárias para os seus afazeres, «... e ainda estas que seja por pouco tempo, e pelo proporcionado para o referido...»²³. Quanto a saídas por outros

²⁰ Idem, n. 85.

²¹ Idem, fl. 85.

²² A.A.D.P., Livro 1.º do Registo, *Relação da...*, cit., fl. 140 v. V. *apêndice documental*.

²³ A.A.D.P., Livro 1.º do Registe, *Registe de uma resolução...*, cit., fl. 82 v.

motivos, precisavam de uma autorização *escrita* do Provedor²⁴. A rigidez dos administradores não impedia no entanto que se verificassem saídas indevidas: encontramos mesmo uma ama, de «pequeno corpo», que conseguiu escapar-se de noite pela própria roda onde eram depositadas as crianças²⁵! Nos motivos de despedimento das amas temos referências constantes quer à entrada de homens na casa, na sua maior parte maridos das mesmas, quer a saídas indevidas durante o dia²⁶.

A convivência entre as mulheres parece ter sido difícil, a avaliar pelas querelas e intrigas que a documentação refere. Não raro essas mulheres se insultam e incompatibilizam, como consta das notas tomadas pelos funcionários nos registos de contratação. No entanto, o serviço da Roda exigia um certo grau de cumplicidade na medida em que muitas vezes se tornava necessário encobrirem erros umas das outras.

Mau grado as dificuldades do quotidiano, a instituição celebrava os seus dias de festa. Os livros de «Despesa Miúda» referem gratificações dadas às amas de dentro na Páscoa e Espírito Santo, no dia de Santa Isabel, no da Natividade de Nossa Senhora, no Natal e nos Santos Inocentes. Era o oito de Setembro, dia da Virgem Mãe, uma data muito especial para a instituição: alugavam-se panos de damasco ou seda para armar, caiava-se e encerava-se a casa²⁷. Era então que a administração passava em revista todos os expostos, sendo as amas de fora aliciadas a trazer as crianças à cidade pela promessa de receberem também uma gratificação. O dia dos Santos Inocentes, a vinte e oito de Dezembro, era outra das datas que se revestia de grande significado para a instituição: devido à alta mortalidade dos expostos, não nos espanta que se rendesse homenagem às crianças mortas na «idade da inocência»²⁸. De notar que no início do século poucas referências encontramos a esse dia, mas nos seus fins iguala em importância o oito de Setembro, sendo rezada missa na igreja do hospital da Misericórdia²⁹.

²⁴ Idem, fl. 83.

²⁵ A.A.D.P., Livro 1.º das Entradas o Termos das Amas 1710-1780, fl. 82.

²⁶ Idem, fls. 48 a 165.

²⁷ A.A.D.P., Livros 1 a 5 — ver contas referentes aos meses de Setembro.

²⁸ A.A.D.P., Livro 5.º da Despesa Miúda, fls. 82 v, 93 e 104 v.

A alta mortalidade dos expostos, superior à das outras crianças, È comprovada pela bibliografia existente sobre o assunto, muito embora ainda não existam trabalhos respeitantes à Roda do Porto.

²⁹ A.A.D.P., Livros 1 a 5 da Despesa Miúda.

As amas internas — condições de trabalho

As amas permaneciam na Roda mediante o pagamento de uma soldada e de um salário. A primeira era paga anualmente e o seu montante permanece inalterável ao longo do século³⁰. Eram quatro mil reis por ano, mas como era raro uma ama completar esse tempo certo, existia uma tabela, que facilitava a contagem dos meses e anos³¹. Quanto ao salário, este era pago mensalmente, consoante os dias que a ama tinha permanecido na Roda. O seu montante vai aumentando ao longo do século, o que não nos espanta uma vez que se trata do principal pagamento: a soldada equivalia a onze reis por dia, ao passo que o salário era de 120 reis diários em 1768³². Para além destes pagamentos regulares, as amas recebiam gratificações por ocasião de festas. Era ao Provedor que cabia escolher as festividades em que as atribuía, bem como estipular as somas a distribuir³³.

No que respeita às obrigações das amas, afigurou-se-nos necessário analisar as suas contratações, para determinar o teor das exigências que lhes eram feitas pelos administradores. Há nesses contratos uma nítida evolução. Inicialmente os textos são variáveis, não existindo um formulário fixo. Ao longo do século, verifica-se um aumento de obrigações, e sobretudo, de proibições, até que em 1768 se adopta um compromisso definitivo que vigorará até ao fim do mesmo³⁴.

De início os escrivães são lacónicos acerca das obrigações das amas. Por enquanto, as suas preocupações parecem centrar-se apenas no tratamento das crianças. Assim, tal ama será expulsa se não fizer «o que deve para a boa criação dos engeitados»³⁵, enquanto uma outra os deve tratar «com bom zelo e caridade»³⁶ e se chega ao ponto de falar em cuidar dos expostos «com amor»³⁷. Seguidamente, acrescenta-se a esta necessidade uma outra: a de proibir às amas a entrada de homens na Roda, mesmo a seus maridos, a qualquer hora do dia e da noite³⁸. A partir de 1745 complica-se progressivamente o conteúdo

³⁰ Idem.

³¹ A referida tabela encontra-se transcrita na contracapa do Livro 1.º das Entradas e Termos das Amas— 1710-1780 (A.A.D.P.).

³² A.A.D.P., Livros 1 a 5 da Despesa Miúda.

³³ A.A.D.P., Livro 1.º do Registo, *Relação da Real...*, cit., fl. 139 v. V. *apêndice*.

³⁴ A.A.D.P., Livro 1.º do Registo, *Registo de uma resolução...*, cit., fls. 81 a 85 v.

³⁵ A.A.D.P., Livro 1.º das Entradas e Termos das Amas, fl. 38 v.

³⁶ Idem, fl. 39.

³⁷ Idem, fl. 39.

³⁸ Idem, fls. 40 e 41 v.

dos compromissos: exige-se das amas obediência aos superiores³⁹, sigilo quanto ao que se passava no interior da Roda e respeito pelas outras amas⁴⁰. É também por esta altura que a administração começa a querer certificar-se de que as amas têm seus filhos a criar, exigindo dados precisos acerca destes no intuito de conhecer o estado do leite das mulheres. Sabendo a idade dos filhos das amas, a administração certificava-se que o leite destas não era «velho». Quatro anos mais tarde, os formulários já pouco diferem uns dos outros: além dos requisitos referidos, mencionam agora a capacidade, limpeza e bons costumes das amas⁴¹; na década seguinte encontramos referências a exames do leite das mulheres, efectuados pelos médicos e cirurgião-mor do hospital da Santa Casa⁴², enquanto os párocos começam a passar certidões, declarando ou a idade dos filhos e sua entrega a amas, ou o seu falecimento, bem como abonando o bom procedimento e limpeza de sangue das mesmas⁴³. Num assento de 1755, acrescenta-se a «... especial recomendação da fidelidade com que (a ama) se devia portar na entrega de todos os sinais que trouxessem os meninos expostos, pelo irreparável prejuízo que aos mesmos e à administração do contrário se seguia»⁴⁴. Todos estes textos se destinavam a ser lidos às amas no momento da sua contratação, tendo havido casos, também na década de cinquenta, em que estas se comprometiam a cumprir as suas obrigações debaixo do juramento dos Evangelhos⁴⁵.

Como dissemos, é a partir de 1768 que a administração elabora um texto definitivo, este já um verdadeiro «regimento», em que se verifica a preocupação de dotar a Casa da Roda de uma mulher que coordene o serviço, a «directora», ela própria encarregada de fazer cumprir o documento, lido obrigatoriamente às novas amas. Este contrato constitui uma síntese de todos os documentos anteriores: reitera a proibição de contactos supérfluos com pessoas exteriores ao serviço da roda, sublinha o cuidado que as amas devem ter em conservar os objectos de que as crianças são portadoras no momento da chegada e a obrigação de guardar segredo absoluto sobre tudo o que se passar na casa⁴⁶.

³⁹ Idem, fl. 40 v.

⁴⁰ Idem, fl. 41 v.

⁴¹ Idem, fl. 46 v.

⁴² Idem, fl. 57.

⁴³ Idem, fl. 60.

⁴⁴ Idem, fl. 59 v.

⁴⁵ Idem, fl. 68.

⁴⁶ A.A.D.P., livro I." do Registo, *Registo de uma resolução...*, Cit., fls. 81 a 85 v.

A novidade deste documento consiste antes nas instruções que ministra às novas amas sobre os serviços a efectuar⁴⁷, bem como a criação do lugar de ama-sêca. Trata-se assim de um texto que revela uma já longa experiência da instituição, que pretende reformar os seus métodos para colmatar deficiências crónicas, ao mesmo tempo que são fixadas definitivamente as regras do exercício da actividade das amas.

A ama-sêca

A criação deste cargo obedeceu fundamentalmente a dois objectivos: a identificação dos expostos e o tratamento das crianças. Com efeito, os expostos, sobretudo aqueles que permaneciam na Roda à espera de ama de fora, eram vítimas de maus tratos das mulheres, que lhes faltavam «... com o leite, comestível e limpeza necessária, chegando a tal extremo o *desamor* das ditas amas, que mataram algumas inda de leite às pancadas...»⁴⁸. Ao vigiar o cumprimento das obrigações das outras amas e supervisionar a conservação dos sinais identificadores dos meninos, a «directora» constituía um poderoso elo de ligação entre o interior e o exterior da casa, este representado pelo pessoal masculino com funções hierarquicamente superiores.

Para poder cumprir as funções coordenadoras que lhe estavam destinadas, a ama-sêca devia ter aptidões que não eram exigidas às amas de leite. Esses requisitos eram os seguintes, transcritos do documento: «...convém muito que seja *viúva*, com *nenhuma ou pouca família*, *cristã-velha*, bem procedida e temente a Deus, de *quarenta anos para cima*, de muita capacidade, propósito e respeito, *que saiba ler e escrever desembaraçadamente*, e ultimamente de quem se espere o cumprimento do regimento...»⁴⁹. Os administradores preferiam assim mulheres cuja ausência de vínculos com o exterior da Roda garantia estabilidade à casa. As amas de leite, pela própria natureza das suas funções, nunca poderiam permanecer ao serviço por muito tempo.

As contratações

Analisámos o número de contratos de amas internas, no sentido de procurar saber qual a estabilidade na Roda a nível de permanência

⁴⁷ Não especificámos essas instruções dado que já a ela nos referimos. Ver alínea sobre o quotidiano da instituição.

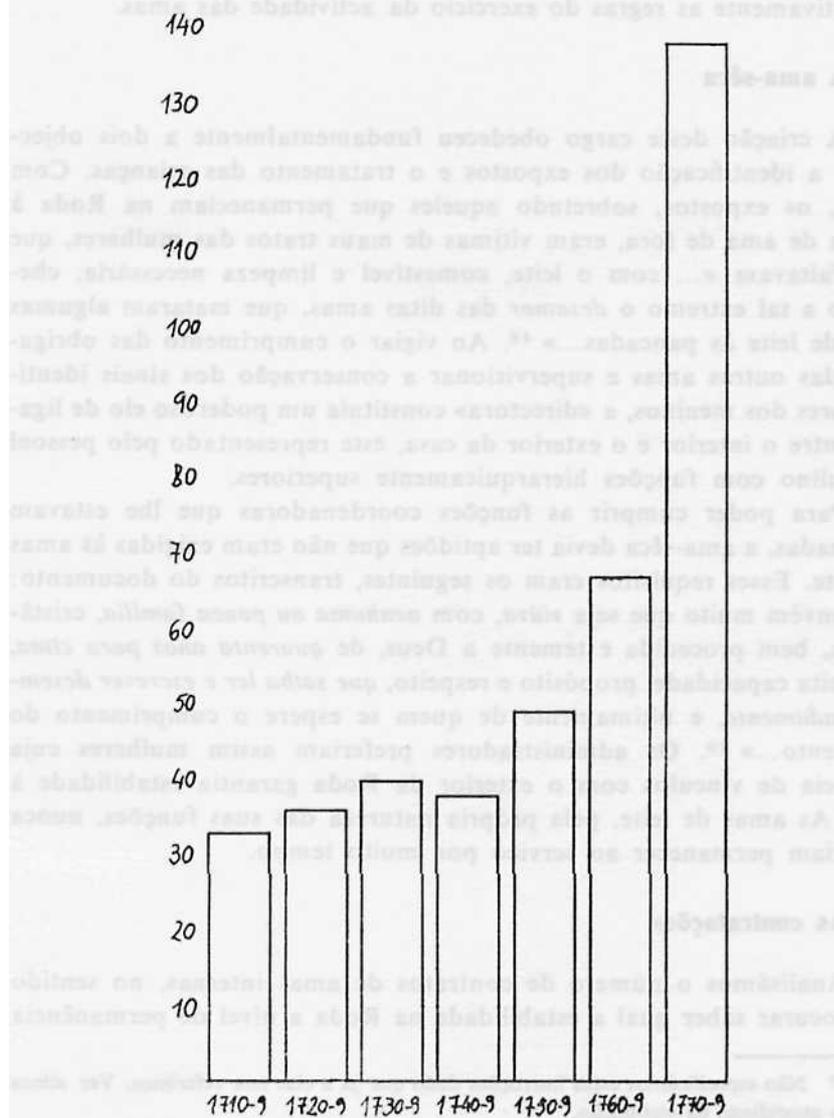
⁴⁸ A.A.D.P., Livro 1.º do Registo, *Registo de uma Resolução...*, cit., fl. 81 v.

⁴⁹ Idem, fl. 82.

ANEXO II

Gráfico 1

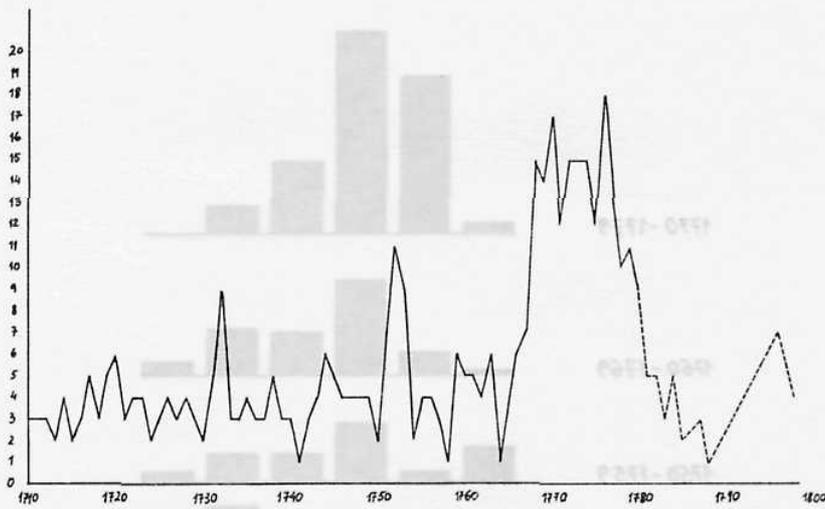
Contratações por decénios



FONTES: Livros I e II das entradas e termos das amas (A. A. D. P.)

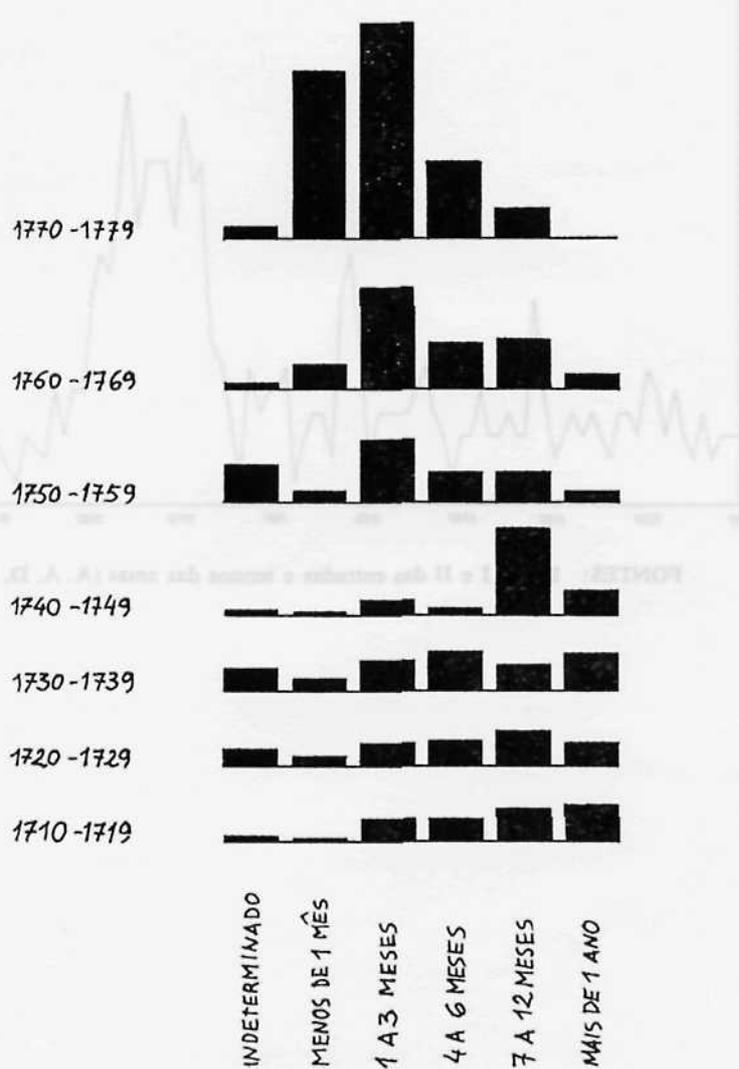
ANEXO II (Cont.)

Gráfico 2
Contratos anuais



FONTES: Livros I e II das entradas e termos das amas (A. A. D. P.)

Gráfico 3
Duração dos contratos



FONTE: Livro 1.º das entradas e termos das armas — 1710-1780 (A. A. D. P.)

do pessoal. Inicialmente elaborámos dois gráficos (1 e 2 do anexo II). No primeiro interessou-nos determinar o número de amas contratadas por década. Obtivemos um número de contratações em aumento acentuado desde 1750. Atendendo a que o número fixo de amas permanentes apenas aumentou de três para cinco desde o início do século, tudo aponta no sentido duma instabilidade crescente no seio da instituição, marcada por constantes despedimentos, que analisaremos adiante, diminuindo, é claro, o tempo de permanência das amas. De notar que o número de amas da década de setenta duplica relativamente ao decénio anterior e representa cerca de quatro vezes o número de contratos da primeira década analisada (1710-19). Esse aumento deve-se indubitavelmente ao já referido aumento de entradas de expostos na Roda, mas poderá relacionar-se também com uma eventual mudança nas relações entre a administração e o pessoal interno. De facto, ou as amas alteraram os seus comportamentos, transgredindo cada vez mais as regras da casa, ou os administradores se tornaram cada vez mais exigentes com as suas subordinadas.

O gráfico seguinte representa o número de contratações anuais e poderá esclarecer-nos sobre questões pontuais, relativamente a anos que sobressaem como anormalmente instáveis a nível de pessoal interno. É a partir de 1768 que podemos situar o aumento mais espectacular de contratos até 1779. Infelizmente, a documentação disponível impossibilita-nos de conhecer a situação posterior a esta data⁵⁰.

Complementarmente, no intuito de precisar o tempo que as amas permaneceram na Roda, variável uma vez que a sua presença só se podia verificar se estivessem aptas a amamentar as crianças, elaborámos ainda o gráfico 3. Entre 1710 e 1740 são ainda bastantes as amas que permanecem mais de seis meses ao serviço da casa, mas nos três decénios seguintes a esmagadora maioria não ultrapassa os três meses de permanência, pelo que, a avaliar pelos motivos de despedimento, a desordem e a instabilidade parecem ter sido a nota dominante do quotidiano da instituição.

Origem geográfica das amas

Considerando que a documentação refere a residência das amas, assinalado a sua proveniência no caso destas não morarem na cidade, tentámos determinar qual a percentagem de mulheres oriundas de

⁵⁰ Os dados disponíveis para a década de oitenta são insuficientes e pouco credíveis.

ANEXO III

Gráfico 4

Proveniência geográfica das amas

Gráfico 5

Estado civil das amas

FONTE: Livro das entradas e lermos das amas— 1710-1780 (A. A. D. P.)

zonas rurais. O quadro elaborado deve no entanto ser admitido com reservas, porquanto não podemos garantir que a naturalidade das amas tenha merecido atenção sistemática dos funcionários da administração. Por outro lado, não sabemos se as amas que indicam morada na cidade são também provenientes de zonas rurais, encontrando-se no Porto há mais tempo do que as outras, apenas o suficiente para declararem aí residir. De qualquer modo, a acreditar no quadro, as mulheres da cidade do Porto⁵¹ foram, ao longo do período considerado, superiores em número às provenientes de zonas rurais, exceptuando-se a década de 1730, quando estas últimas afluíram à cidade de modo irregular, se até 1739 representam uma percentagem significativa do total, tornam-se quase irrelevantes nas três décadas seguintes, para voltarem a atingir cerca de 44% entre 1770-79.

Talvez estes resultados encontrem explicações no facto da administração preferir as mulheres casadas às solteiras «para serem de leite mais puro e regularmente de melhor procedimento»⁵². Era mais difícil chegarem do campo mulheres casadas, uma vez que isso normalmente implicaria emigrarem com seus cônjuges. Por outro lado, alguns autores são de opinião de que se verificava um afluxo de mães solteiras às cidades⁵³. Os dados de que dispomos, apesar de quantitativamente pouco significativos, parecem confirmar essa assertão, uma vez que, das amas vindas de fora do Porto, apenas 30% eram casadas, enquanto entre as mulheres provenientes da cidade essa percentagem atinge os 83%⁵⁴.

As amas — estado civil

A ter em conta a figura, confirma-se a preferência da administração da Roda pelas amas casadas. De facto, estas são superiores em número

⁵¹ Incluímos neste grupo as freguesias urbanas, intra-muros (Só, Vitória e S. Nicolau) e extra-muros (Miragaia, Santo Ildefonso, Cedofeita e Massarelos), bem como freguesias próximas da cidade (Paranhos, Lordelo do Ouro, Campanhã e S. João da Foz). Embora estas últimas possuíssem características marcadamente rurais, considerámos que a sua proximidade em relação ao Porto torna inadequada a inclusão das amas aí residentes no número das mulheres provenientes de zonas distantes, como a Galiza, Barcelos, Braga, Guimarães, etc...

⁵² A.A.D.P., Livro 1.º do Registo, *Relação da Real...*, cit., fl. 140 v.

⁵³ Jean-Louis Flandrin, *Le sexe et l'Occident. Évolution des attitudes et des comportements*. Paris, Editions du Seuil, 1981, p. 278 e Peter Laslett, *O mundo que nós perdemos*. Lisboa, Edições Cosmos, 1975, p. 197.

⁵⁴ A.A.D.P., Livro 1.º das Entradas e Termos das Amas 1710-1780.

ao longo das décadas analisadas, exceptuando-se as de 1720-29 e de 1770-79, em que são ultrapassadas pelas amas solteiras. As variações que encontramos relativamente a estas últimas ficarão talvez a dever-se a flutuações na oferta de amas. Havendo poucas mulheres disponíveis, a administração terá sido obrigada a admitir ao seu serviço amas solteiras. Quanto ao número de viúvas, este parece ter sido pouco significativo, bem como a sua percentagem relativamente ao total de amas se apresenta bastante estável durante o período analisado. Verificamos também que nos primeiros vinte anos temos uma percentagem significativa de amas cujo estatuto social desconhecemos, o que fica a dever-se à natureza irregular das fontes consultadas.

As crianças das amas

A partir de 1745 encontramos algumas referências aos filhos das amas, sendo estas obrigadas pelos administradores a provar que estes não precisavam do leite materno. Havia três situações possíveis: podiam estar confiados a amas de leite, já estarem desmamados ou terem morrido. Nos poucos casos para que possuímos elementos, deparámos com um número inferior de «apartados de leite» (quatro), catorze foram dados a criar e onze tinham morrido. Tais dados podem ser explicados se tivermos em atenção as idades das crianças no momento em que suas mães entravam na Roda:

	N.º	%	cum %
até 1 mês	28	14,1	14,1
1 a 6 meses	77	38,9	53
7 a 12 meses	48	24,2	77,2
13 a 18 meses	34	17,2	94,4
mais de 18 meses	11	5,6	100
Totais	198	100	100

Fonte: A.A.D.P., Livro 1.º das Entradas e Termos das Amas.

Apenas cerca de um quinto dessas crianças tinha mais de um ano, o que representa ainda uma idade baixa para o desmame, que entre os expostos se verificava entre os dezoito meses e os dois anos⁵⁵.

⁵⁵ Ver Livros de Saídas do A.A.D.P.: alguns registos referem a idade em que a criança foi desmamada, passando a criadeira a ser considerada «ama de sêco».

Motivos de despedimento

Amas de Leite

Entre as informações fornecidas pelos livros de contratações de amas de dentro, constam, para além dos dados já analisados, referências aos motivos que levaram as amas a abandonar o serviço. Encontramos diversidade quanto à qualidade dessa informação uma vez que esta abarca cerca de oito décadas do século XVIII. Deste modo, os registos revelam uma minúcia crescente desde a década de quarenta, atingindo o seu melhor período nos anos setenta, para se quedarem num relativo mutismo nos anos seguintes. Dando-se o caso de as amas serem contratadas mais do que uma vez, era conveniente para a administração registar traços de carácter e a qualidade do serviço destas, para além de anotar os incidentes que estavam na base dos despedimentos. O que nos espanta nestes assentos é precisamente verificar que, mesmo depois de ocorrências graves, as amas voltaram a ser readmitidas, o que poderá eventualmente dever-se a dois factores. De facto, ou esses incidentes não assumiam na época a gravidade com que actualmente os encaramos, ou a falta de mulheres disponíveis obrigava a administração a admitir mulheres que tinham desrespeitado as regras incluídas nos compromissos.

Em princípio, seriam motivos como a falta de leite ou doença que justificariam numa forma lógica as saídas das amas, uma vez que deixava de ter sentido a presença de mulheres incapazes de amamentar os expostos. O facto é que, embora esses motivos nos apareçam frequentemente, perdem o relevo submersos por referências a incidentes graves ou por uma multitude de defeitos que se atribuem às amas. Estas podem ser bulhentas, incapazes, descorteses, desobedientes, perniciosas à administração, descuidadas, remissas, inábeis, mexeriqueiras, mal falantes e atrevidas, pesadas de sono, descompostas da língua, loucas e incorrigíveis, orgulhosas, insolentes, desleixadas, preguiçosas, desmazeladas, caloteiras, etc...

Tornou-se-nos muito difícil estabelecer um agrupamento dos motivos de despedimento, porque a maioria das amas foram despedidas por causas múltiplas e raramente nos foi fácil discernir a razão decisiva para o abandono do serviço. Assim, embora tenhamos elaborado uma classificação dos diferentes tipos de despedimentos, esta revelou-se totalmente ineficaz quando submetida a uma tentativa de quantificação. Na prática, os motivos encontram-se fortemente interligados, sendo quase

impossível deixar de fazer opções dúbias, que conduziriam a resultados pouco fiéis à documentação. Tivemos pois de renunciar a esta como forma de determinar a incidência dos diferentes motivos de despedimento. Para além disso, interessou-nos discernir através dos comentários dos administradores as atitudes que estes revelam para com as amas, as crianças e a própria instituição. Neste aspecto, fomos ajudados pelo conteúdo dos assentos, escritos num vocabulário que julgamos corresponder ao da linguagem corrente.

Basicamente, podemos agrupar os despedimentos do seguinte modo:

- 1 — abandono do serviço por *incapacidade física*;
- 2 — saídas decorrentes de incidentes de algum modo relacionados com a *sexualidade*;
- 3 — incompetência no *tratamento das crianças*;
- 4 — *comportamentos irregulares*;
- 5 — *motivos diversos*.

1 — *Incapacidade física*

Foram consideradas impossibilitadas de servir na Roda mulheres com falta de leite, provocada quer por doenças de vária ordem, quer por outros motivos. Entre as enfermidades, a doença que os administradores têm mais cuidado em especificar é a sífilis, pelo perigo que representava para a instituição. O «mal gálico» podia ser adquirido através das crianças, como aconteceu em Julho de 1749, tendo sido expulsas todas as amas, duas por estarem contaminadas e uma terceira por as ter encoberto, o que de algum modo vem confirmar a gravidade atribuída à doença⁵⁶. Noutras casos, as amas contraíram a doença através de seus maridos, podendo também haver suspeitas de gálico recaindo sobre os filhos. De notar que era suficiente contar que a ama padecera em tempos da doença, ou a tinha adquirido depois de abandonar o serviço, para que esse facto fosse anotado nos registos. No que respeita a outras doenças, os assentos são lacónicos, apesar das amas poderem ser examinadas por médicos do hospital a partir de meados do século. A atenção destes últimos recaía fundamentalmente na quantidade e qualidade do leite de que eram portadoras: alguma vezes o leite é pouco ou «velho», outras vezes são detectadas deformidades nos seios, etc. Acontece também por vezes que a ama engravida e perde o leite. Encontra-

⁵⁶ A.A.D.P., Livro 1.º das Entradas e Termos das Amas 1710-1780, fls. 44 v. a 45 v.

mos alguns casos em que as amas conseguiram ocultar o seu desaparecimento como o de Benta Maria, que deu à luz seis meses depois de abandonar o serviço⁵⁷.

2 — *Sexualidade*

Sendo a maior parte das amas casadas e moradoras na cidade, certamente que não deixaríamos de encontrar referências a seus maridos, tanto mais que a permanência das mulheres a tempo inteiro na Roda, ao que parece com saídas muito limitadas, geraria situações difíceis. Escolhidas por serem de leite mais puro⁵⁸, as amas casadas parecem nem sempre ter renunciado à companhia de seus maridos, o que para a administração significava menor empenho no serviço, persistindo também a noção de que os contactos de natureza sexual tornariam impuro o leite e aumentariam os riscos de nova gravidez⁵⁹. Inicialmente, encontramos amas que admitiam indevidamente na Roda seus maridos: com uma ama, Ana Maria de seu nome, o caso assumiu mesmo proporções mais graves dado que «levava seu marido para a Roda e ameaçava as outras amas se estas a denunciassem (...) sendo com elas tão cruel que chegava a ir a suas casas a acusá-las de más mulheres a seus maridos, atrevendo-se a infamá-las até com alguns senhores da mesa e seus superiores, levantando-lhes aleives que nunca houveram...»⁶⁰. Talvez devido a um melhor controle de entradas e saídas da casa, este tipo de incidentes tende a desaparecer a partir da década de sessenta, e a atenção dos administradores centra-se nas saídas das amas, acusadas ou de saírem sem autorização ou de aproveitarem as saídas permitidas para visitar seus maridos. Em 1770, um incidente ocorrido durante uma saída deu origem ao despedimento de três amas, entre as quais o de Ana Perpétua «... porque dando-lhe a faculdade de ir ver e às mais amas a função das cruces, mas sem a escusada e pernicioso companhia de seus maridos à ocupação de criar, em desprezo da dita recomendação o mandou chamar e o levou consigo...» e «... constou mais que também se comunicara com seu marido pública e escandalosamente»⁶¹. O mesmo aconteceu com Rosa de Jesus que «... pública,

⁵⁷ Idem, fl. 89.

⁵⁸ A.A.D.P., Livro 1.º do Registo, *Relação da Real...*, cit., fl. 140 v.

⁵⁹ Idem. Sobre a continência como um dos deveres da ama contratada veja-se François Lebrun, *A vida conjugal no Antigo Regime*, Lisboa, Edições Rolim, s. d., p. 120.

⁶⁰ A.A.D.P., Livro 1.º das Entradas e Termos das Amas 1710-1780, fl. 96.

⁶¹ Idem, fl. 97 v.

escandalosa e carnalmente se comunicou com ele...⁶². É uma preocupação constante da administração o tempo que as amas perdem com seus maridos: Maria Joana saía sem licença «... para se ir comunicar com seu marido com quem sempre andava desordenadamente»⁶³; Rosa Maria Soares foi despedida pela segunda vez «... pois toda se ocupava na cozinha a fazer guisados para seu marido e não contente em lhe falar todas as noites na Roda, em toda a ocasião que saía fora ele a esperava e se demoravam largo tempo a conversar em prejuízo das crianças sendo muitas vezes advertida...»⁶⁴; Ana Joaquina ia a casa «... para se comunicar com seu marido, sendo todo seu cuidado em procurar essas ocasiões...»⁶⁵; Luísa Maria Rosa foi expulsa «por somente cuidar em se ir comunicar com seu marido, não perdendo ocasião disso, em as que tinha de sair fora aos misteres da Administração...»⁶⁶ e Eusébia Maria Cruz «... por se comunicar com seu marido carnalmente desamparando as crianças para isso...»⁶⁷. Chegou-se a ponto de despedir uma ama «... por somente se ocupar em ciúmes de seu marido, sem sentido, ou cuidado algum na sua obrigação...»⁶⁸.

Muitas vezes, eram os maridos que causavam distúrbios junto à Roda: Maria Josefa abandonou o serviço «...por atrevimento de seu marido que nas vezes que a encontrava na rua a descompunha de má mulher e com palavras indecentes...»⁶⁹; o marido de Ana Maurícia ia descompô-la e causar desordens na Roda «pelo que chegou a ser preso (...) e repreendido por justiça...»⁷⁰ e o cônjuge de Angélica Maria atreveu-se a insultar o secretário da Roda⁷¹. Ana Rosa de S. José, além de ir frequentemente a casa sem licença, tinha um marido «... bêbado *em demasia* que fazia distúrbios e descomposições a ela e mais amas, ameaçando com faça ao servente, sendo incorrigível ainda depois de preso e castigado...»⁷².

Mas nem só as amas casadas causavam dissabores aos senhores da administração; as mulheres solteiras foram frequentemente despe-

⁶² Idem, fl. 99.

⁶³ Idem, fl. 108 v.

⁶⁴ Idem, fl. 105 v.

⁶⁵ Idem, fl. 124 v.

⁶⁶ Idem, fl. 129 v.

⁶⁷ Idem, fl. 156.

⁶⁸ Idem, fl. 137 v.

⁶⁹ Idem, fl. 14S.

⁷⁰ Idem, fl. 135 v.

⁷¹ Idem, fl. 111.

⁷² Idem, fl. 104.

didadas por manterem relações com homens, dando os registos a entender que se tratavam de antigos amantes, talvez os mesmos que as tinham engravidado. Encontramos frases como estas: «... por *ainda* se comunicar com o seu amázió depois de muitas vezes repreendida...»⁷³; «... por ir procurar o sujeito com quem *antes* se comunicava...»⁷⁴; «... *não perder o sentido* do sujeito com quem *antes* se comunicava...»⁷⁵; «... por *continuar* na comunicação com o amázió»⁷⁶. Por exemplo Joaquina Rosa foi despedida «... por *continuar* com o mancebo, gastando por fora o tempo preciso para o serviço da Roda...»⁷⁷. Muitas destas mulheres solteiras são acusadas de mau comportamento como Rosa Maria que aproveitava as saídas de serviço da Roda «... para procurar um homem com quem se comunicava carnalmente...»⁷⁸, fazendo-se exactamente a mesma acusação a Maria Joaquina⁷⁹. Angélica Rita foi acusada de andar sempre com um homem casado ao lado, que era seu mancebo...»⁸⁰ enquanto que a Maria Ribeira se atribuíram culpas ainda mais graves: «... por se tomar de vinho, entrando nas tabernas para esse efeito e tendo práticas com lacaios onde os encontrava; sendo em tudo de muito má condição...»⁸¹.

3 — Tratamento das crianças

As informações sobre despedimentos sugerem-nos que muitas crianças foram vítimas de negligência e maus tratos. Por exemplo, comprovámos ser relativamente frequente as amas abafarem o exposto com quem dormiam durante o sono; em casos mais raros obtivemos testemunhos de que as crianças foram espancadas. De notar que estas acusações raramente procedem da observação directa dos administradores; são geralmente procedentes de informações que chegam ao conhecimento destes na maior parte das vezes depois da ama ter abandonado o serviço. Assim, Ana Antónia, entre «outras causas que se não declaram», foi despedida porque «outras (amas) disseram que aba-

⁷³ Idem, fl. 118 v.

⁷⁴ Idem, fl. 130 v.

⁷⁵ Idem, fl. 132 v.

⁷⁶ Idem, fls. 137, 138, 142.

⁷⁷ Idem, fl. 152.

⁷⁸ Idem, fl. 124.

⁷⁹ Idem, fl. 125 v.

⁸⁰ Idem, fl. 162 v.

⁸¹ Idem, II. 136 v.

fará uma criança»⁸². Informaram também que a Quitéria Maria acontecera o mesmo «por negligência»⁸³. Geralmente, em casos idênticos apelidam-se as amas de «pesadas de sono», como por exemplo : «... *pesada no sono* por cujo motivo abafou uma criança...»⁸⁴; «... por ser muito *pesada de sono* e abafar *algumas* crianças»⁸⁵ ou «... abafar de noite uma criança sendo de *sono pesado e pouco cuidadosa...*»⁸⁶. Noutro caso, Joana Xavier da Silveira, ama «inábil», «descuidada» e «... *pesada no sono* , de tal sorte que quebrou o braço de uma exposta, que por tenra não aturou a cura, e logo morreu»⁸⁷. Outra ama foi despedida «por ter *pouca cautela* com as crianças e abafar uma...»⁸⁸. O abafamento de crianças foi por vezes relacionado com o alcoolismo das amas: Maria do Vale saiu da Roda «por se tomar de vinho e abafar uma criança»⁸⁹ e Ana Joaquina entrava em tabernas, bebia muito e abafou uma criança «... não por conta do vinho pois esguardava dieta; *no mais fazia bem a sua obrigação...*»⁹⁰. Embora semelhantes incidentes pareçam não passar de simples descuidos na óptica dos administradores, encontramos, ainda que raramente, referências à «pouca caridade» ou «falta de amor pelas crianças»⁹¹.

Apenas em três casos se menciona sem margem para dúvidas o espancamento de crianças, como no de Mariana Margarida que maltratava os meninos «... dando-lhes pancadas com excesso». !Mais tarde, servindo apenas como ama de empréstimo, foi acusada de ter abafado uma criança a seu cargo sem margem para dúvidas⁹². Josefa Maria e Josefa Rosa, embora não tenha abandonado o serviço por esse motivo, constou posteriormente aos despedimentos respectivos que espancavam as crianças até à morte, tendo a primeira sido responsável pelo falecimento de dois expostos e a segunda pelo de um⁹³.

Temos ainda conhecimento de outras atitudes reveladoras de indiferença pelo bem-estar das crianças: Joana Antónia deixava-as cair

⁸² Idem, fl. 51 v.

⁸³ Idem, fl. 52 v.

⁸⁴ Idem, fl. 113 v.

⁸⁵ Idem, fl. 128 v.

⁸⁶ Idem, fl. 141.

⁸⁷ Idem, fl. 100.

⁸⁸ Idem, fl. 165.

⁸⁹ Idem, fl. 121 v.

⁹⁰ Idem, fl. 100 v.

⁹¹ Idem, fls. 94, 96 c 155 v.

⁹² Idem, fl. 83.

⁹³ Idem, fls. 81 e 81 v.

da cama abaixo ⁹⁴ e Ana Maria «... sem amor pelas crianças (...), por as não meter consigo na cama como devia, e as deixar no chão, roerem uma os ratos e disso morreu logo» ⁹⁵. Noutro caso temos outra ama acusada de se ter recusado a amamentar um exposto por entender que estava com «achques proibidos» ⁹⁶. Chega-se ao ponto de acusar uma ama-sêca, responsável pela ordem dentro da casa, de ocultar os mortos «... para que se não reparasse na frequência com que os haviam...» ⁹⁷.

4 — *Comportamentos irregulares*

A indisciplina e as quezílias entre amas parecem ter estado na base de muitos despedimentos, bem como a desobediência e falta de respeito para com membros da administração. Temos ainda referências à falta de higiene de certas mulheres e à incúria de outras, que originaria trocas de identidade dos meninos, uma vez que estes perdiam os sinais de que eram portadores: roupas, fitas, medalhas, bilhetes, etc... A assinalar também a desonestidade manifesta de algumas amas, que davam des-caminho a pertences da Roda, ou mesmo se deixavam corromper, revelando os segredos da casa.

A avaliar pelos registos dos administradores, nem sempre parece ter reinado a paz entre as mulheres da Roda: Rita Maria foi despedida «... por mau génio e não se dar com as companheiras tendo com elas várias descomposturas e por isso não deve ser mais admitida a criar na Roda de assento...» ⁹⁸; Ana Luísa «... por ser de terrível génio e má condição com as mais amas chegando ao excesso de lhes dar até com a faca para que não a estorvassem...» ⁹⁹ e Maria Joaquina chegou ao extremo de «... espancar uma sua companheira e fingir uma carta difamatória para expulsar outra...» ¹⁰⁰. Com tantos conflitos não nos espanta que a administração acuse as amas de se insultarem reciprocamente: tal ama abandona o serviço «por se atrever a descompor as mais amas» ¹⁰¹ enquanto uma outra vai embora «... por ser de muito má língua e insultar com ela as mais...» ¹⁰².

⁹⁴ Idem, fl. 96 v.

⁹⁵ Idem, fl. 96.

⁹⁶ Idem, fl. 49 v.

⁹⁷ Idem, fl. 155 v.

⁹⁸ Idem, fl. 44.

⁹⁹ Idem, fl. 108.

¹⁰⁰ Idem, fl. 127 v.

¹⁰¹ Idem, fls. 132 e 139 v.

¹⁰² Idem, fl. 145.

Os próprios administradores parecem ter tido desentendimentos com as suas subordinadas: Maria de Sá foi «... petulante, descortêz e atrevida com o irmão mordomo»¹⁰³, Maria Joana era «... inquietadora do serviço da Roda e desobediente aos seus superiores...»¹⁰⁴. Outra ama foi repreendida pelo provedor porque não se portava «com modéstias» e «... em vez de se humilhar foi para casa da Roda proferir atrevimentos»¹⁰⁵. Encontramos também mulheres que não acatavam as ordens dadas pela ama-sêca, o que vem confirmar o papel de chefia que estas assumiam dentro da casa.

Em alguns casos raros, os administradores referem-se a algumas amas como sendo mulheres «pouco limpas», embora não saibamos quais eram efectivamente os padrões de higiene considerados. A documentação é muda quanto à higiene pessoal das amas, não se encontrando referências a compras de sabão nem a lavagens, ao passo que das crianças sabemos que tomavam banho, pelo menos quando chegavam.

No que respeita a falta de cuidado no serviço, a preocupação dominante da administração era, como sabemos, a conservação dos sinais das crianças. Nesse sentido, assinalavam-se as amas cuja negligência era notória: Bernarda Teresa, além de desobediente à ama-sêca, era pouco aplicada no serviço «... tendo repedíssimos esquecimentos...» sobre a identidade das crianças¹⁰⁶. Na década de setenta, acusações deste tipo tornaram-se muito frequentes.

Outras amas foram desonestas a ponto de roubarem objectos pertencentes à instituição. De Mariana Angélica se diz que foi embora «... por infiel e vinhateira em demasia e se lhe acharem alguns roubos»¹⁰⁷, enquanto Maria Rosa foi despedida por entrar em tabernas e outros defeitos e além disso «... saiu da Roda ocultamente sem dar conta do seu caixão e roupas das crianças...»¹⁰⁸. Mas as desonestidades não se resumiam a roubos e desvios de objectos da Roda: Ana Maria foi expulsa por «várias embustises, entre as quais a de mandar comprar galinhas para seu alimento, mentindo, dizendo que era o Provedor que assim o mandava»¹⁰⁹. O alcoolismo parece não ter sido raro entre

¹⁰³ Idem, fl. 60.

¹⁰⁴ Idem, fl. 126 v.

¹⁰⁵ Idem, fl. 88 v.

¹⁰⁶ Idem, fl. 88 v.

¹⁰⁷ Idem, fl. 147 v.

¹⁰⁸ Idem, fl. 160.

¹⁰⁹ Idem, fl. 99 v.

o pessoal interno: sabemos que muitas amas bebiam em excesso e inclusivamente frequentavam tabernas.

Finalmente, encontramos indícios que confirmam a suspeita de que nem todos aqueles que abandonavam as crianças na Roda estavam dispostos a perdê-las por completo de vista, uma vez que a quebra de sigilo parece ter sido frequente. Desde a década de cinquenta que a documentação regista amas que encontravam nas informações que podiam dar sobre o paradeiro das crianças uma fonte de rendimento suplementar. De Quitéria Maria se diz que fazia «injustos contratos com as mães dos inocentes»¹¹⁰; de Maria de Sá que esta costumava «... examinar os nomes e *freguesias* (?) das criadeiras para revelar o segredo...»¹¹¹; de Ana Luísa de Almeida que conhecia os pais das crianças e lhes dizia quem as levava¹¹². As amas Ana Vitória e Josefa Rosa chegaram a mostrar crianças fora da Roda a pessoas que lhes tinham pedido, sem possuírem qualquer ordem dos superiores¹¹³. Ainda de outras mulheres dirão os administradores que diziam aos pais para onde iam as crianças «a troco de donativos»¹¹⁴.

5 — *Motivos diversos*

A avaliar pela documentação, muito poucas amas abandonaram o serviço por iniciativa própria, sem se encontrarem doentes ou terem sido expulsas. Destas, a administração diz por vezes que eram «cumpridoras», muito embora as oportunidades de o fazer tenham sido raras¹¹⁵. Em outros casos são feitas acusações que não se integram nas alíneas anteriormente consideradas: tal ama é acusada, entre outras culpas, ter exposto duas crianças suas nas vésperas de dar entrada como ama, tendo sido obrigada a descontar nos seus pagamentos o dinheiro que a administração gastara com elas¹¹⁶. Outra, Dionísia Ferreira, declara-se que foi expulsa pelo provedor por ser desobediente, petulante, atrevida e ... constar que procedia de mulatos»¹¹⁷. Igualmente, Maria Teresa

¹¹⁰ Idem, fl. 52 v.

¹¹¹ Idem, fl. 60.

¹¹² Idem, fl. 63 v.

¹¹³ Idem, fls. 78 v, 81 v.

¹¹⁴ Idem, fls. F6, J07, 112.

¹¹⁵ Idem, fls. 93, 111 v, 112 v, 113, 122 e 152 v.

¹¹⁶ Idem, fl. 63 v.

¹¹⁷ Idem, fl. 80.

da Silva foi despedida por ser má língua «... e se soube depois ter sido regateira de castanhas e outros comestíveis¹¹⁸.

Amas-sêcas

Entre os motivos de despedimento das «directoras» temos três casos a assinalar, pelo que estes revelam acerca do funcionamento interno da casa. O primeiro é o de Ana Jacinta, uma viúva de um tabelião de Grijó, que apenas exerceu o cargo durante três meses, tendo sido expulsa devido a um incidente relativo a uma criança que se recusou a exemplar. Não são referidas as razões que conduziram a essa atitude, mas o caso foi muito grave porque implicou o despedimento das outras amas que trabalhavam na Roda, dado que estas nada fizeram para remediar a situação¹¹⁹. Rosa Cândida, tal como a ama anterior, deu origem a um despedimento colectivo englobando todo o pessoal feminino da casa, dado que a administração não conseguiu apurar responsabilidades. O facto é que apareceu ao pé da roda um menino morto de quinze meses «... morto desgraçadamente não tendo até aí moléstia alguma, não sendo possível que fosse por seu pé porque ainda não andava ...»¹²⁰. O terceiro caso é o de Ana Antónia Pereira, viúva de um artífice do regimento de artilharia de Valença por ser «...infiel nas suas obrigações ocultando os mortos para que se não reparasse na frequência com que os haviam, falta de caridade com as crianças e de juízo para o exercício da Roda, enfim inábil para nela se conservar...»¹²¹. Veio posteriormente a saber-se que rasgava os bilhetes com má letra e difíceis de ler, roubava enxovais e trocava as roupas boas da casa por outras inferiores.

Conclusões

A organização interna da Casa da Roda do Porto assiste a uma complexificação crescente desde o início do século XVIII, pressionada pela expansão da instituição, onde é abandonado um número crescente de expostos, a que corresponde um aumento de amas ao seu serviço.

¹¹⁸ Idem, fl. 91.

¹¹⁹ Idem, fl. 85 v.

¹²⁰ Idem, fl. 149.

¹²¹ Idem, fl. 155 v.

A acção dos administradores é dificultada pelo facto de não habitarem a casa e estarem impossibilitados de vigiar o seu funcionamento a partir do interior. O serviço das amas encontra-se fora do seu controle, problema que se procura resolver através da criação do cargo de ama-sêca em 1768, esta destinada a exercer o papel de intermediária entre o interior e o exterior da Roda.

Verifica-se um acentuado desfazamento entre as preocupações do *peço* masculino da Roda, letrado e de nível social superior ao das amas, e estas últimas, representativas dum extracto eminentemente popular. Assim, podemos falar de um distanciamento entre os objectivos da instituição e os comportamentos das amas. A administração insiste na continência das amas, considerada fundamental para o aleitamento; os despedimentos revelam-nos como teve dificuldade em se impor. Por outro lado, os administradores consideram importante a preservação da identidade das crianças, já de si tão comprometida pelo anonimato do abandono; vimos até que ponto a ignorância e a negligência das mulheres a comprometem. A Roda tinha os seus segredos a guardar: os pais não deveriam conhecer o paradeiro dos filhos para não interferirem na sua criação. Sabemos também que esse sigilo foi por vezes quebrado pelas amas. A administração preocupa-se com o tratamento das crianças, chegando a enunciar os princípios do zelo, amor e caridade; vimos os riscos que os expostos corriam, sujeitos a não serem convenientemente alimentados e a morrerem por abafamento. Se por um lado sabemos que no Antigo Regime a morte das crianças era desdramatizada pelo facto de se verificarem altos índices de mortalidade infantil, o facto é que os administradores se preocupam, mais com ela do que as amas. No entanto, esses óbitos silo encarados apenas como procedentes da incompetência das mulheres, tanto mais que as crianças tinham perdido os seus laços familiares, onde se poderiam verificar resquícios de afectividade.

APÊNDICE DOCUMENTAL

Relação da Real Caza da Roda da cidade do Porto que igualmente comprehende o método com que sempre se costumou traíar as crianças expostas na dita Administração pedida pelos provedores das comarcas circunvezinhas para por ella poderem dar melhor cumprimento a hua nova ordem da Raynha Nossa Senhora em quo lhe mandou estabelecer Cazas de Roda em todas as villas e cabeças de Concelho, cujo extracto foi dado em 30 de Mayo de 1783.

A Admenistração da Real Caza da Roda da cidade do Porto he governada absolutamente por um provedor eleito pela meza da Mizericórdia da dita cidade, o qual hc sempre irmão della, e ao dito provedor lhe nomeão também outro irmão da mesma Santa Caza para servir de tesoureiro, que sempre he pessoa de toda a abanação, piadade, e intelligência; o provedor elege um escrivão da mesma irmandade para fazer as contas, c rubricar os livros da Admenistração e todos estes três exercitão gratuitamente este laborioso trabalho: porém o provedor para o ajudarem íem a faculdade de nomiar hutn secretário, e hum Ajudante para este, a quem, e a cada hum delles dá annualmente por conta da mesma Admenistração 48\$000 além das propinas em os dias das festas, que sempre são propocionadas a sua aptidão e préstimos: tendo regularmente de mais dois cursores para hirem às deligências percizas da Admenistração que ganhão somente quando andão em serviço d'elle 200 reis por dia: c o do 1.º de Julho he o dia por onde começa o governo de cada provedor, e o dia cm que se começã a numerar as crianças cujo número vai crescendo conforme a série dos dias e horas em que vão entrando.

A Camera da cidade do Porto deve apromptar na mão do thesoureiro da Roda (conforme uma nova ordem de Sua Magestade) sinco contos de reis, logo no princípio de cada três meses, e deste dinheiro o provedor vai mandando pagar por bilhetes assignados por elle às amas de assento c de empréstimo, e ocorrendo a todas as outras necessidades, e percizoens (fl. 139v.) dos ditos expostos, c no fim destes toma conta e o Thezoureiro tanto da despca miuda como do composto total do salário das amas pelos ditos bilhetes conferidos pelos mesmos livros onde tudo se lança (ainda a mais pequena unidade) c depois de bem examinada e conferida a dita conta passa o escrivão da meza da Mizericórdia hua certidão de toda a despca que houve naquelle antecedente tremestre para se receberem os outros sinco contos que devem servir para o gasto dos outros três mezes seguintes, de sorte que se cresce algum dinheiro dos sinco contos antecedentes se leva em conta cm os outros sinco contos, que se hão de receber, de modo que fique este cômputo sempre certo na mão do dito thesoureiro no princípio de cada trimestre, a fim de que nunca por falta de dinheiro possa haver a menor indigência nesta louvável, piadosa c útil Admenistração.

Tem a Real Caza dos Expostos da cidade do Porto dentro cm si sinco amas sempre fixas, hua ama seca a quem chama a directora da Roda por a governar e a todas as outras e 4 amas de assento de leite para alimentarem as crianças que se expõem em quanto se

não entregão a amas de fora, as quais amas iodas ganhão por dia 120 reis. Dá-se-lhe camas, lenha, e luzes necessárias e 4 000 reis de soldada em cada anno fora as propinas das festas as quais também são reguladas pelo arbitrio do provedor, que sempre costuma contemplar na conferência dellas o seo merecimento e bom serviço. E posto que havendo mayor número de crianças dentro da Roda se mandem meter mais algumas amas de fora por empréstimo, nunca estas, ainda que ganhem o mesmo selário e tenham todas as comodidades que as outras tem, não se lhe dá os 4 000 reis pertencentes às soldadas que recebem as amas da Roda que são de assento. A ama seca, ou directora da Roda não pode nunca sahir da mesma sem expressa licença do provedor, e as outras amas sem licença daquella, que lha permite somente para couzas muito percizas.

A Caza da Roda consiste em hua caza junto à rua (fl. 140) pública, que tem uma extensa roda, por donde com toda a facilidade e comodo, quer de noite, quer de dia, se pode introduzir qualquer criança por grande que se queira expor. Nesta mesma caza estão as camas das amas de leite e da mesma directora da Roda para de noite darem melhor fê dos expostos, que entrão pelo toque de hua grande campainha que está pregada na mesma roda pela parte interior, a qual sempre toca quando cilada volta, não obstante haver a providência de mandar ficar hua ama de leite levantada todas as noites para terem logo prompto recebimento os expostos que se offercem.

Tem mais uma caza comprida da parte superior, a que chamão a caza dos berços, por haver nella 8 berços prompts com lençóis, travesseirinhas e cobertores; cujos berços estão dispostos por hua tal ordem, que basta dar movimento a hum delles, para os outros todos gozarem da mesma agitação e além destes há sempre provimento de outros muitos berços tecidos como canastras cheios de palha fresca para se aprontarem logo no cazo de haver mayor introdução de expostos do que o costume; para o qual effeito tem todas as amas de leite hum caixão com chave separada onde recebe cada hua por inventario 12 lençóis pique-nos, 6 piquenas fronhas, 6 travesseirinhas, 6 cobertas, 6 haventais, 6 coifinhas, 6 testeiras, 6 faxas, 6 envoltas, 6 coeiros, 6 camizas, de que tudo dá entrega quando sahe do serviço da Roda, que se recebe no uzo em que se acha.

Há também dentro da mesma Caza da Roda hum suficiente tanque com sua fonte para as mesmas amas lavarem os coeiros e mais roupas das crianças, que se lançam em hum mirante ou varanda que está toda circuitada de cordas onde com mais facilidade se enxugão, tanto pelo sol, como pelo tempo de chuva, pela muita ventilação que deste modo recebem.

Igualmente tem hua cozinha onde continuamente esta hum grande caldeirão de agoa quente para todos os gastos da Caza, principalmente para se lavarem as crianças assim que entrão e deste mesmo fogo participão todas as amas para fazerem o seo respectivo comer e para o mais que lhe he percizo.

Há também na mesma Caza hum altar com hum grande quadro, onde estuo pintados os Santos Innocentes com hua grande urna próximo a elle pela parte (fl. 140v.) de diante, onde se depositão as crianças que morrem na Roda e nesta cidade, vestidas com mortalhas, que se lhe dá pella mesma Admenistração, que existem em cima desta urna enquanto não são mandadas enterrar pelo capellão do Hospital Real no mesmo cemitério da Santa Caza que tem 50 reis de cada acompanhamento, 40 reis para elle e 10 para o coveiro.

Tem também hua loja para lenhas, outra para ter provimentos de palhas, berços novos; a qual serve também de guarda movel da mesma Caza, além de outras officinas inferiores que se ocupão com os despejos necessários.

As portas exteriores que dão entrada a dita Caza da Roda são fexadas com duas chaves, huma que he da porta principal, a outra que he a que feixa hũ corredor, que dá entrada para

as cazas, aonde estão as sobreditas amas, cujas porias se fexão pela parte de fora todos os dias ao principio da noite e se abrem pelas 5 ou 6 horas da manham por hum official fiel da Adeministraçã, a quem se incumbe esta deligência por se evitar que as ditas amas saihão fora de noite, ou metão dentro seus maridos, por serem pela mayor parte cazadas, para serem de leite mais puro e regularmente de melhor procedimento. Além destas chaves que há das ditas duas portas, tem outras duas chaves do mesmo molde o Provedor para hir quando quizer repentinamente de noite examinar se as ditas amas cumprem e estão exercendo as suas respectivas obrigaçoens.

Tem a mesma Admenistraçam dois médicos, hum para curar os meninos, outro para curar as meninas e hum cirurgião para curar as crianças de ambos os sexos. Os médicos tem lambem obrigação de examinarem o leite às amas antes que se lhe entreguem as crianças, de fazer exame do mesmo leite as mesmas amas da Roda, quando os manda o provedor e fazer juntas com o cirugião do partido às mesmas fianças quando elas percizam dentro da mesma Caza da Roda pelo que tem de partido cada hum 20\$000 por anno. Todos os sobreditos são os que curão no hospital da Santa Caza e há lambem um boticário, que he o do mesmo hospital, que não tem partido algum e só c obrigado a fazer os remédios percizos pela (fl. 141) ametade do que lhe manda o seu respectivo regimento.

A directora da Roda, que sempre deve ser numa mulher temente a Deus, muito caritativa, de respeito e ágil, que saiba ler e escrever bem, e contar, tem obrigação assim que entra algũa criança pela roda, de examinar se vem mortal para a baptizar logo e a iodas as que entrão analisar se trazem a embide bem atada e se as não trouxerem até-las melhor. Depois de feita esta deligência sem meter algum tempo de permeio, deve escrever em hã papel todo o enxuval que traz a criança com toda a exacção e miudeza; se traz escripto ou não o nome que traz ou o que se disse de fora; e logo da couza que vem do enxoval da criança mais notável e prompta rasgar hũa tira e até-la no braço da mesma criança a cujo signal chamão «calsa» que nunca se lhe tira na Roda; e pôr em hũ escriptinho se aquela criança he a primeira que entrou ou a 2.^a ou 3.^a etc. (?) e o seu nome que trás ou o que se lhe há-de pôr no baptismo (vindo sem nome) e por baixo do mesmo escripto escrever a calsa que lhe competiu; e depois entrega-la a Ama a quem pertencer e tocar por lurno, a qual tem obrigação de logo a hir lavar, defumar, vestir e envolvê-la em roupa toda lavada, metê-la em hum berço defumado e limpo, dar-lhe de mamar e tractar della enquanto estiver na Roda, dar-lhe aloques ou papa se disto houver percizão e tudo o mais sem excepção algũa do que tiver necessidade; e por o seo respectivo escripto na cabeceira do berço, pregado com alfinete bem seguro, que só se tira quando vai a baptizar para se lhe meter entre a faxa para de modo algum poder haver troca, nem nos nomes, nem nas crianças. Depois de receberem este sacramento se apresentaõ desta forma ao provedor da Roda, que lhe dá outro novo escripto a que chamam «cautela», que consta do seu número competente, nome, dia, mês e anno da sua entrada, livro e folhas onde fica assente. Com este escripto se conserva na mesma Roda emquanto não sahe para fora por ordem do mesmo Provedor, ou para amas de empréstimo, ou para amas de assento.

As amas de empréstimo, (são) assim chamadas por serem amas da cidade que não criam as crianças senão os meses, ou enquanto estão doentes e se reforçam, ou emquanto não vem amas de fora buscá-las, a que chamão de assento por ficarem de ordinário com as ditas crianças sempre até à idade de 7 annos por o maiz deminuto salário, pois se paga a aquellas por 1200 reis por mês, e a estas 7 000 por anno, e só se lhe dá de mais hũ covedo de baeta e 2 camizinhas novas, c isto por hũa só vez. O pagamento (141v.) das amas de empréstimo se fas por hum livro separado, como um borrador, a que chamão dos empréstimos e só se lanção no livro das entradas, em suma, os dias em que estiverão de empréstimo, quando

sahem para assento ou morrem nesta cidade em amas de empréstimo. Do mesmo modo se lansa no livro das sahidias, quando já tem sahido para fora para amas de assento, e tornam por doentes para as amas de empréstimo para se curarem melhor nesta cidade, afim de a todo o tempo se saber do gasto certo que tem feito cada num dos expostos com a sua competente criação.

Assim que se entrega ao provedor a carta da directora da Roda, o que se costuma fazer pela manhã cedo, a qual carta consta das crianças que tem entrado na Roda a que chamão «Parte» e o estado geral e diário dela, a que chamão «Mapa», para cuja melhor percepção se remete huma carta das do costume, que se enuncia com o número 1.º depois de conferir os enxovais o mesmo provedor pelos escriptos se os há, ou pela parte que deles dá a directora da Roda, logo lansa tudo em hum livro a que chamaõ das entradas, que para melhor intelligência se envia a forma e um assento do mesmo próprio dia da carta que vai, que he de 27 de Mayo, o que claramente se vê do papel que se remete debaxo do n.º 2.º. E no mesmo assento se declara que foi baptizado, aonde, por quem e quem forão seus padrinhos, advertindo que ainda que tragam certidão do baptismo de outra parte, ou sejam as crianças já crescidas, pelo que se presume que já foram baptizadas, sempre se mandão baptizar outra vez sub conditione.

Assim que requer ao provedor qualquer ama de fora que quer criar de leite, ou sem leite, huma criança de assento, logo o provedor examina a certidão que a dita ama trás do seo respectivo parochio, que consta de sua capacidade, sangue e boa inclinação. Manda-lhe examinar o leite, se este he (ileg.), por huã ama da Roda que costuma assestir ao despacho e com a aprovação della, ou dos médicos destes, no cazo de dúvida, fas assento da sabida, a qualquer criança que lhe parece, de modo que nunca se venha a conhecer (d. 142) quem elle he, cujo assento se fas com o methodo que conta do assento que se envia no número 3.º, e se põem logo à margem no livro das entradas o livro e folhas do livro da sabida, para onde passa como melhor se pode ver no assento das entradas número 2.º. Deixa-se no assento das sahidias duas filhas em branco para se hir fazendo os seus competentes e devidos pagamentos e se dá um boleto impresso à dita ama. que consta do livro e folhas onde pertence a criança, o nome della, da ama e de seu marido, se o tem, e da freguesia donde he, como se vê melhor de hum bolleto que (ilegível) o número 4.º e nas duas folhas que ficão em branco no dito livro se vão escrevendo os pagamentos que a dita ama vai vencendo, conforme o tempo atho à idade de 7 annos, em cujo tempo vem dar baixa para ficar com o dito exposto, ousedaraofficio, o que melhor se pode ver dos documentos que se enviãodebaxo do número 5.º e advertindo que se não paga à dita ama couza alguã sem trazer certidão jurada do pároco do seo domicilio que ateste que a criança está bem creada e vestida, ou sem apresentar a mesma na dita Admenistração. Passados tres meses depois que qualquer ama leva algum exposto da Admenistração para lhe dar leite, deve torná-la a trazer à mesma para se examinar se he análogo o leite da ama com a natureza da mesma criança, senão para se remover para outra ama, o que se executa também em todo o tempo quando se sabe que as mesmas crianças estão por algum motivo mal creadas, ou doentes.

Se por acazo adoesse algum dos expostos, ou na Roda, ou nas amas de empréstimo, ou ainda nas amas de assento, se passa huma ordem aos médico do partido de modo que se enuncia em todos os papeis que estão debaxo do N.º 6.º. Por esta ordem os médicos, ou cirurgião examina as ditas crianças e lhe receitão o que he preciso, cujos remédios dá o boticário da Caza, sendo abonados pelo mesmo provedor, e ao mesmo tempo se passa hum bolleto ao thesoureiro para dar a dieta perciza à ama que nunca passa de 40 reis por dia, e todo este gasto se minuta marginalmente ou no livro das entradas, ou no das sahidias. Bem entendido que se alguã criança adoesse em poder das amas que estão algumas legoas dis-

tantes desta cidade, se lhes satisfas prudentemente lodo o gasto que fazem com ellas trazendo certidam de cirurgião ou médico atestada lambem pelo seu próprio parocho. (fl. 142v.). E se os médicos do partido em junta com o cirurgião da Roda assentão que a queixam, ou da criança, ou da ama he galica manda-se a mesma ama logo à custa da Admenistração curar no Hospital Real a ouem se paga a 300 reis por dia com excepção dos remédios necessários, e muitas vezes socede mandar curar o marido da mesma ama, e algum filho desta, sendo collaço da mesma criança. A mesma providência lia a favor dos expostos de sarna, que se manda algumas vezes curar com toda huã familia, quando se saba que está por conta de alguã criança da Roda (que) se acha infecionada do mesmo mal. Também quando alguã mulher cazada e pobre assistente nesta cidade adoesse e tem criança de peito, ou lhe falta o leite, ou pare mais crianças do que huã, sendo débil, e requer a Admcnistração para lha alimentar, se lhe manda criar por conta desta; mas este beneficio da lactação não se estende a mais tempo do que ao de 18 mezes.

Devc-se advertir que, se há alguã pessoa que queira ocultamente pagar a despesa que tem feito algum exposto, ou tomar conta de algum filho que tenha na Roda, sendo rico deve pagar todo o gasto que elle tenha feito à Admenistração, assim pelos dias da Roda que se leva a 120 cada hum, (como) pelos de empréstimo a 40, do enxoval 600, c pelos mais gastos de salários, dietas, boticas etc. (?) que constão dos seus peculiares assentos. Tanto das entradas, como das sahidas se fas a justa soma, e depois do dito Pay ter satisfeito tudo, e ainda ao caminheiro que o vai buscar, se elle está fora, se lhe entrega. Por igual modo se calcula a despeza de qualquer exposto que tenha falecido pelo que deve haver hum inviolável segredo em todas as pessoas que servem nesta Admenistração afim de nunca se saber por nenhum modo os de fora o destino que tem nela as crianças que se expõem; pois se seos pais chegão a ter a certeza da ubicação dellas, nunca se satisfazem com o tracto que se lhe dá, e passão por este motivo a dezacreditar o sincero c bom regimen de quem derige a Admenistração, e se o não sabem às vezes socede por ter notícia dellas pagarem toda a despeza que tem feito, e se obrigam a toda a mais que vierem (sic) para o futuro (fl. 143).

Além de todas as obrigações assima referidas tem a Admenistração a de dar ao reve-rendo abade da Sé do Porto (em cujo território está a Roda) 80 000 reis anualmente; e este ónus teve principio em um indulto que proximamente alcansou o dito abade de Sua Magestade, por onde lhe manda concorrer com a sobredita contribuição, attendendo ao trabalho que ele tem de baptizar e fazer os assentos aos ditos expostos, que alguas vezes chegão a mil em cada hum anno.

Também ha na dita Admenistração os costumes seguintes: no dia dos Santos Innocentes, que he no dia 28 de Dezembro, se muda o quadro destes santos, que está no altar da Roda, para a tribuna da Igreja da Misericórdia, a qual se arma toda, e se lhe fas huma grande festa, a que assiste toda a Mcza com o Senhor exposto, sermão e missa cantada, tudo à custa da mesma Admenistraçã.

E no dia 8 de Setembro em que se festeja a Natividade de Nossa Senhora se arma toda a Casa da Roda que se patentea, e os expostos que nela se achão a todo o povo e no mesmo dia tem propinas todas as amas de dentro da Roda e mais officiaes della, e toda a ama de assento que apresenta ao provedor a criança que se lhe tem entregue bem criada e nutrida, lhe manda dar 240 reis de propina.

O método de como se fazem as contas em todos os trimestres e em cada hum anno do gasto total da Admenistração he muito facil e se pode comprehender em hũ quarto de hora à vista dos livros dellas; porem theoreticamente se não pode expor sem alguã confusão, no cazo que queirão sogeitar-se a esta, não tem dúvida de expender os pequenos conhecimentos que tiver, quem tem dado, bem que grosseiramente, estas noçoins, bem que sinceras e uteis.

FINIS

Explicação dos números de que tracta a
Relação supra

N.º 1.º

Conscstia em a Cana diária da Roda com a parte das crianças que entrarão dia 27 de Mayo, mapa geral da Roda (fl. 143 v), com os escritos que trouxeraõ as crianças e a certidão do seu respectivo baptismo.

N.º 2.º

Denotava o assento de hum exposto vindo no dia 27 de Mayo que era o do livro 35 n.º 804.

N.º 3.º

Enunciava a forma do assento da sahida do mesmo exposto supra que era do livro 84, fl. 361.

N.º 4.º

Demonstrava um boleto do costume que se dá às amas para por eles receberem os seus respectivos pagamentos,

N.º 5.º

Patenteava-se o modo como se formalizavão os assentos da entrega que se fazia dos expostos, ou à sua mesma ama, ou algum mestre do offício, depois de terem acabado os 7 annos da sua competente criação e erão tirados do livro 69, fl. 90 e fl. 136.

N.º 6.º

Fazia-se ver a forma das ordens que se enviavão aos médicos, e cirurgião-mor quando se achavão doentes alguns expostos e aqui mesmo se dava hum formulário de com se fazião os falecimentos, tanto no livro das entradas como das sahidias.

E depois de tudo se fazia ver todas as qualidades de bolletos por donde se costumava pagar às amas os seus devidos pagamentos. (Fl. 144).

FUNDAÇÃO
DA REAL CAZA DA RODA DA CIDADE DO PORTO

Aos veneráveis varoins Manoel Roiz Leilão, fundador da Congregação do Oratório do Porto, c Balthezar Guedes, fundador do Collégio dos Meninos Orfaons da mesma cidade, é que se deve também o estabelecimento que hoje possuímos da Real Admenistração dos Expostos; pois vendo estes virtuosos ecclesiasticos que a impiadade apresentava todos os dias e por toda a parte lastimosos espectáculos de innumeraveis crianças recém-nascidas, ainda quentes e viscosas, ou agonizantes ou desfalecidas, athe dilaceradas, quizerão ser o instrumento da útil fundação de huã Caza da Roda, onde achassem prompto refugio, e proficuo amparo estes infelizes e dezemparados innocentes. Com aquela efficácia bem digna da virtude de que erão dotados, fizerão ver aos senadores da Camcra da cidade do Porto

a necessidade que havia de darem principio a huã obra tanto do serviço de Deus, como da utilidade publica. Enternecendo-se com esta illuminada lembrança o coração de aqueles honrados e piadosos cidadãos, entregarão por huã transacção feita em 1685 à Meza da Misericórdia da dita cidade a fundação e admenistração da dita Caza da Roda para a mesma Santa Caza, à imitação de algumas Misericórdias do Reino, a mandar derigir por dois Irmaons da sobredita irmandade, que lhe parecesse dignos para o dito emprego, hum que servisse de Provedor e outro de Thesoureiro.

E como a rezolução sobre o sitio sustivesse por alguns annos o dar-se principio a esta perciza edificação, se decedio ultimamente em 1688, que se estabelecesse a dita Caza da Roda onde hoje existe, por ficar contígua ao Hospital da Misericórdia e deste modo se poder socorrer aos expostos nas ocaziõins percizas. Para o principio da dita obra lhe applicou a Camera com consenso régio datado de 4 de Março de 1687 perto de 4 mil cruzados que tinham crecido do dinherio destinado para as fortalezas e que o mais que faltasse se podesse tirar do cofre da cidade.

E para os gastos das criaçoins dos expostos lhe fez a mesma Camera, também debaxo da mesma aprovação do soberano, consignação livre e izenta de outros quaisquer encargos em 4 pagamentos iguais logo no principio de cada trimestre (fl. 144v.) de 500\$000 reis a saber. 300\$000 que Sua Magestade já tinha consignado para o dito efeito, que erão 150\$000 nas Alças e 150\$000 no Cofre da cidade e 20\$000 de novo se mandarão tirar do acrescimo das Sizas. Declarando-se ao mesmo tempo que nunca a Misericórdia ficaria obrigada a pagar couza alguã no caso que não chegasse a dita consignação; antes que todo o gasto que excedesse seria a mesma Camera responsável pela sua necessária solução logo que o escrivão da Santa Caza lhe mandasse apresentar a conta corrente dos gastos, onde se enunciasse o seu respectivo acrescimo.

Mas como se forão multiplicando excessivamente as entradas das crianças na mesma Caza da Roda, foi também percizo hir crescendo o emporte das sobreditas consignações, por cuja razão em 1726 se vio a Camera obrigada a fazer nova composição com a Santa Caza, em que lhes fes certo o dar-lhe annualmente tres mil e quinhentos cruzados do mesmo modo e com as obrigações da primeira escriptura; a qual composição foi confirmada por provizão de Sua Magestade passada em 31 de Dezembro do dito anno.

E pelo mesmo motivo em 6 de Mayo de 1738 fez a Camera com a Misericórdia outra escriptura particular na nota da mesma Santa Caza onde lhe prometeo dar para os gastos de cada 3 mezes 5 mil cruzados no principio de cada quartel, obrigando-se ainda a mesma Camera a todo o excesso dos gastos que podessem acontecer.

E vendo ainda que não era o bastante a dita consignação, em 1752 fez o sobredito Senado da Camera outra composição com a dita Santa Caza, cm que debaxo das condições antigas se obrigou a apromptar no principio de cada pagamento sete mil e quinhentos cruzados, cuja obrigação foi confirmada por provizão regia com data de 15 de Julho do dito anno.

E ultimamente por huã nova provizão de Sua Magestade passada em 16 de Março de 1781 a requesito(?) do provedor da Roda cem consenso da Mcza da Santa Caza, a Rainha Nossa Senhora mandou, para que não podesse haver a menor falta na dita Admenistração, que a dita Camera desse para os gastos das ditas criaçoins dos mesmos expostos, logo no principio de cada três mezes sinto contos de reis, em cuja consignação actualmente se acha (fl. 145).

E para que não pareça este cômputo exorbitante, e melhor se refletir no grande número de crianças, que infelizmente morrerião se não houvesse este útil estabelecimento, se demonstra no mapa seguinte o número dos expostos que entrarão na Caza da Roda desta cidade

do Porto, e a despesa que com eles se tem feito nos 13 annos ultimos que decorrerão de 1767 ate 1782 inclusive.

Anno	Menino	Menina	Total	Despeza
1770	472	493	911	18 763\$483
1771	453	387	840	18 092\$538
1772	523	421	944	16 798\$487
1773	511	404	915	17 898\$716
1774	513	399	912	17 862\$098
1775	499	396	895	17 707\$028
1776	460	378	838	17 319\$392
1777	471	422	893	17 613\$533
1778	456	433	889	18 396\$666
1779	505	422	927	18 362\$598
1780	527	402	920	19 097\$104
1781	565	435	1000	19 160\$584
1782	482	460	942	18 893\$753

(A.A.D.P., Livro I.º do Registo, fls. 139-145).